

42º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS

SPG02

A TEORIA SOCIAL A PARTIR DE SUAS COMPOSIÇÕES E ANTAGONISMOS

**AS SOCIOLOGIAS DO INDIVÍDUO EM PERSPECTIVA:
BERNARD LAHIRE, DANILO MARTUCCELLI E JEAN-CLAUDE KAUFMANN**

Rodrigo Vieira de Assis

Doutorando em Sociologia
Instituto de Estudos Sociais e Políticos
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
(IESP/UERJ)

Caxambu, MG
2018

As sociologias do indivíduo em perspectiva:
Bernard Lahire, Danilo Martuccelli e Jean-Claude Kaufmann*

Rodrigo Vieira de Assis**

Introdução

Uma série de propostas teóricas que identificam nas experiências individuais as chaves por meio das quais compreender a complexidade da vida social moderna tem ganhado espaço no âmbito da sociologia contemporânea. Apresentando-se não apenas como abordagens teórico-metodológicas inovadoras, as sociologias do indivíduo, como agora são conhecidas, podem ser compreendidas também como expressão de um tipo de sensibilidade intelectual e existencial constituída sob a necessidade de iluminar os modos de singularização do mundo social (Martuccelli; Singly, 2012).

Embora possa haver resistências acerca do estatuto central que o indivíduo ganha no seio das reflexões, o que poderia ser lido antecipadamente como uma dissolução das bases fundamentais da sociologia, as sociologias do indivíduo têm influenciando cada vez mais os empreendimentos sociológicos, tanto aqueles de caráter predominantemente investigativo sobre fenômenos e problemas empíricos quanto os que se afirmam como esforços mais abstratos, vinculados à teoria social¹. Desse modo, diante da expansão, difusão e recepção dessa vertente, é preciso discutir quais são as suas pretensões e contribuições, identificando seus fundamentos epistemológicos, sistematizando seus princípios metodológicos e discutindo suas implicações para a teoria sociológica mais ampla. É esse o objetivo principal deste trabalho.

* Trabalho apresentado no Simpósio de Pesquisas Pós-graduadas n. 02 – Teoria Social a partir das suas composições e antagonismos, coordenado por Diogo Silva Corrêa (IFCS/UFRJ) e Rodrigo de Souza Cantu (UNILA), no 42º Encontro Anual da Anpocs, Caxambu, MG, outubro de 2018.

** Doutorando em sociologia no Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP/UERJ), com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Professor substituto da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) e efetivo do Centro Universitário Brasileiro (UNIBRA). É membro do Sociofilo - (co)laboratório de teoria social (IFCS/UFRJ). E-mail: rvassis@outlook.com

¹ O caráter das reflexões dedicadas à compreensão sociológica dos indivíduos varia significativamente de acordo com o contexto de sua produção. Tal como ocorre na sociologia mais geral, contribuições advindas da Alemanha possuem uma maior abertura para a teoria social (cf. Beck, 2010) enquanto que os trabalhos feitos no contexto francês são predominantemente desenvolvidos com base em pesquisas empíricas sistemáticas (cf. Lahire, 2004; 2006; Kaufmann, 2013; Singly, 2000; 2001).

Nosso intuito aqui é o de problematizar algumas das principais vertentes das sociologias do indivíduo com a intenção de colaborar para uma melhor apreensão dos seus significados no cerne da sociologia contemporânea. Para tanto, analisaremos alguns dos principais autores que definem seus esforços a partir desse epíteto, notadamente os que parecem ter sido, até o momento, mais bem recepcionados no Brasil, cujas elaborações teóricas podem ser assim definidas: a teoria disposicionalista do ator plural de Bernard Lahire (2002), a teoria dos hábitos de Jean-Claude Kaufmann (2003a) e a teoria da individuação como macrosociologia da sociedade singularista de Danilo Martuccelli (2010)². A análise desses três autores permitirá conceber as sociologias do indivíduo em sua heterogeneidade de modelos teórico-metodológicos cuja consequência primeira é a própria pluralidade conceitual mobilizada para lidar sistematicamente com as experiências e os comportamentos individuais. Assim, a partir da análise das teorias de cada um desses autores teremos, como efeito de sentido, a percepção das suas proximidades e distâncias, identificando não apenas as controvérsias internas que torna as sociologias do indivíduo uma vertente frutífera para a teoria sociológica³.

Este trabalho está organizado em quatro partes. Na primeira delas, trataremos brevemente sobre o modo como na sociologia o indivíduo foi frequentemente considerado.

² Os três autores selecionados para a discussão aqui realizada estão situados em um mesmo contexto de produção acadêmica, isto é, o campo sociológico francês. Todavia, não realizaremos uma análise da sociologia francesa e do atual estado do campo, no sentido dado a este termo por Pierre Bourdieu. A escolha desses três autores leva em consideração dois critérios: 1) o fato de possuírem uma boa recepção no Brasil, por causa da tradução de algumas de suas obras centrais (exceto no caso de Martuccelli, cujo acesso é facilitado pelas suas publicações em língua espanhola ou traduzidas para esta língua – que é sua língua nativa); 2) por terem em comum um espírito de trabalho sociológico sustentado pela relação contínua entre pesquisa empírica e desenvolvimento teórico, aspecto central do modo como a sociologia é concebida e reconhecida como legítima na França.

³ Poderíamos abrir caminho para uma análise das sociologias do indivíduo em todas as suas vertentes, mas, por motivos de espaço e de tempo, preferimos selecionar aqueles autores que a nosso juízo parecem servir para os propósitos da discussão aqui indicada. Todavia, cabe apresentar um breve, seguindo Martuccelli e Singly (2012), aquelas principais formas assumidas pela sociologia do indivíduo no contexto francês. Isso poderá servir como um guia para a identificação de autores e contribuição que não iremos, nesse momento nos aprofundar. Seguindo Martuccelli e Singly (2012, p. 51, passim), temos, portanto, quatro tipos de sociologias do indivíduo na França. Uma primeira vertente se caracteriza pela análise das dimensões individuais a partir da ênfase sobre os processos de aquisição de disposições e de hábitos. Nessa linha estão, por exemplo, Bernard Lahire e Jean-Claude Kaufmann, que serão objetos da nossa discussão. Uma segunda perspectiva intenta compreender o indivíduo observando o modo como as normas sociais os governam, como é o caso de Dominique Memmi e Alain Ehrenberg. Uma terceira tendência volta-se para um quadro mais relacional que se sustenta pela questão do reconhecimento do indivíduo pelo outro, pelo modo como os indivíduos são produzidos na relação com seus pares significativos. Situa-se nessa linha a proposta sociológica de François de Singly. Por último, temos uma quarta perspectiva, em que se encontram Danilo Martuccelli e François Dubet, que tomam os indivíduos como objeto por meio da teorização da relação que os agentes individuais estabelecem com as provas, isto é, dificuldades e problemas pessoais que servem como rota de acesso para a reconstrução analítica da relação entre as dimensões individuais e as estruturas sociais.

O objetivo é mostrar que as dimensões individuais estavam presentes em diferentes autores, clássicos e contemporâneos, mas ocupavam um lugar subordinado em suas reflexões em relação ao interesse sobre outros níveis de acesso à realidade social. Todavia, defenderemos que essa presença pulverizada do indivíduo na sociologia foi fundamental para o surgimento de uma nova sensibilidade sociológica que identifica nas experiências singulares chaves importantes para a compreensão do mundo moderno, sem com isso negar a história da disciplina. Em seguida, focalizaremos, nas três partes subsequentes, nos autores acima indicados, colocando em evidência o modo como cada um deles desenvolve seu modelo de sociologia do indivíduo.

Do indivíduo na sociologia à sociologia do indivíduo

Não é preciso muito esforço para identificar que desde a fundação da sociologia a dimensão individual de maneira diversa emergiu como elemento de interesse para a compreensão e interpretação de aspectos centrais da vida societária. Todavia, embora identifiquemos as dimensões individuais em articulações teóricas importantes já nos clássicos fundadores, somente mais recentemente é que o indivíduo emergiu como um objeto privilegiado na sociologia, como uma instância que deve ser entendida para se ter uma mais profunda apreensão da vida social. É interessante refletir sobre os motivos tanto da relativa ausência quanto da conversão do indivíduo em instância plausível de análise sociológica.

Se olharmos atentamente para autores tão importantes para o desenvolvimento da sociologia quanto Max Weber e Georg Simmel não será difícil constatar a presença de formulações teóricas cujas preocupações se ancoram em torno do indivíduo, da personalidade e da subjetividade. Até mesmo em Émile Durkheim, que muitas vezes é interpretado – apressadamente – como o mais insensível às existências individuais, verificaremos passagens que tratam ou que tomam, direta ou indiretamente, aspectos que somente fazem sentido se consideradas a partir de suas manifestações na relação entre à sociedade e o indivíduo. Nas *Formas Elementares da Vida Religiosa*, escrita em 1912, por exemplo, podemos identificar na análise dos rituais de duelo a presença de elementos emocionais importantes como parte da reflexão do autor acerca da constituição de vínculos sociais profundos em uma comunidade. Temos ali a exemplificação dos sentimentos de caráter significativamente individuais como mecanismos explicativos da força social, revelada pela sensível reflexão sobre a experiência do luto. Durkheim nos diz que diante

do luto ocorre uma aproximação espontânea do social em torno daquele que sofre a perda de um ente querido, de modo a nele injetar uma energia capaz de favorecer a assimilação da dor sentida e sua superação *a posteriori* (Durkheim, 2000, p. 425-434).

Max Weber, por sua vez, talvez tenha, ao lado de Simmel, uma maior e nítida reflexão sobre os indivíduos. A própria definição do conceito central da sociologia compreensiva sublinha a capacidade dos indivíduos de atribuírem sentido às suas ações sociais. Não obstante essa capacidade, os indivíduos são inevitavelmente considerados no esforço interpretativo do autor acerca do capitalismo, na medida em que, nas palavras de Weber, “a ordem capitalista é um imenso cosmos em que *o indivíduo já nasce dentro*, e para ele, ao menos enquanto *indivíduo*, se dá como um fato, uma crosta que ele não pode alterar e dentro da qual tem que viver” (Weber, 1994, p. 48, grifo meu). Assim, o indivíduo aparece como um tipo humano produzido pela modernidade capitalista que não pode ser negligenciado em uma reflexão sociológica que tem por objetivo se debruçar sobre a realidade social característica de sociedades complexas, no seio das quais tornou-se possível a produção social de agentes individuais.

Em Simmel, por sua vez, o indivíduo ganha um destaque ainda não considerado na sociologia. Aparece como categoria a ser refletida em textos importantes, como no famoso exemplo de sociologia filosófica escrito em 1917 com o intuito de compreender as concepções de sociedade e de indivíduo na vida dos séculos XVIII e XIX. Nesse texto fabuloso Simmel afirma de início que “o problema verdadeiramente prático da sociedade reside na relação que suas forças e formas estabelecem com os indivíduos – *e se a sociedade existe dentro ou fora deles*” (Simmel, 2006 [1917], p. 83, grifo meu). Com isso, o autor chama a atenção para as imbricações entre o indivíduo e a sociedade em que vive. Não apenas isso, coloca em evidência a importância da sociologia se dedicar ao estudo das individualidades e do modo como são produzidas essas formas de vida na modernidade.

Todavia, se nos clássicos fundadores já estava presente considerações importantes sobre os indivíduos – e poderíamos destacar também um número significativo de passagens escritas por Marx nesse sentido –, cabe ainda a pergunta sobre o porquê razão não houve, desde os fins do século XIX, um esforço mais evidente dedicado à tomar o indivíduo como objeto sociológico em sua complexidade e em seu caráter socialmente dado. Essa é uma questão difícil de ser respondida que necessitaria de uma reconstrução histórica minuciosa das produções teóricas em sociologia, mas que pode ser aprofundada pelo questionamento feito Danilo Martuccelli (2007a) ao enfrentar questão similar acerca das condições de

possibilidade da produção de uma vertente sociológica orientada para o âmbito propriamente individual da vida social.

Aproximando-se da pergunta que lançamos, o problema desenvolvido por Martucceli (2007a) é o de saber o motivo da conversão do indivíduo em objeto de interesse na ciência social. Se antes o indivíduo estava presente em um plano contingente do pensamento teórico, o que o fez se mover para o epicentro de uma onda recente da sociologia, tornando-se o próprio problema a ser refletido quando lidamos com as sociedades contemporâneas? A sua resposta a essa questão se articula com uma constatação crítica sobre o caráter da sociologia realizada ao longo do século XX, em que “durante muito tempo o indivíduo esteve subordinado a uma teoria social em que o eixo analítico maior foi o que se convencionou chamar de a ideia de sociedade” (Martuccelli, 2007a, p. 7). Isso significa que a existência de um “modelo clássico” da sociologia (Dubet, 1994), que abrange o período do final do século XIX até meados dos anos 1950, situou o indivíduo em um plano menor do interesse analítico, considerado não em sua singularidade, mas por meio da análise da sua *posição social*. A posição social foi o elemento fundamental que sustentava a concepção hegemônica de sociedade e durante muito tempo “compreender o indivíduo era conhecer a sua posição social” (Martuccelli, 2007a, p.7), criando, assim, uma relação genética entre os agentes individuais e as propriedades da sua localização na sociedade.

Nesse modelo clássico, temos, então, que cada indivíduo se situa em uma posição e as características dos indivíduos correspondem às propriedades objetivas e subjetivas típicas da posição ocupada. Por meio de um conjunto de constrangimentos sociais as condutas individuais são forjadas, na medida em que se dá os processos de socialização e se fortalece a integração social dos agentes às camadas sociais em que vivem suas vidas.

Este modelo clássico de explicação sociológica não está circunscrito a uma tradição teórica específica ou a perspectiva de um autor particular. Autores de diferentes escolas teóricas o utilizam e a partir dele apresentam um arsenal conceitual extremamente variado, alguns opostos entre si, a partir dos quais foram estabelecidas noções tão distintas quanto as de estrutura, sistema, mundo, ação, práticas, disposições, escolhas etc. Esse modelo está difundido por toda a sociologia e foi considerado, durante muito tempo, como suficiente para a compreensão das condutas individuais.

Se formos considerar as diversas elaborações teóricas baseadas em uma problematização refinada das práticas socialmente realizadas pelos indivíduos que tomam

a noção de classe como categoria explicativa mais forte, teremos uma gama de autores tão diversos como aqueles influenciados por Marx ou por Weber, mas também por Durkheim. Chegaremos, inclusive, a esquemas teóricos que põem em relação os três mais conhecidos dos nossos clássicos. Após a Segunda Grande Guerra, com o novo movimento teórico (Alexander, 1987) e suas teorias sintéticas, temos a elaboração de complexas teorizações sobre os indivíduos que se sustentam, tanto em Pierre Bourdieu quanto em Anthony Giddens, levando em consideração a relação sensível entre as posições sociais e as estruturas de classe, delegando os indivíduos aos efeitos dos quais são considerados produtos, isto é, às variáveis consideradas estruturantes da sua localização no espaço social. Em linhas gerais, portanto, o indivíduo estava presente na sociologia, mas esta presença era caracterizada por uma entrada em cena que funcionava como a sua própria saída do campo de observação efetiva.

Isso vai de encontro ao que hoje visualizamos com as sociologias do indivíduo. Estabelecendo diálogo constante, de diferentes formas, com uma multiplicidade de empreendimentos já conhecidos, nas abordagens sociológica que aqui nos interessa as dimensões individuais formam os eixos principais a serem considerados. Se o mundo social passava a ser percebido como uma nova condição societária, em que a ideia de sociedade do modelo clássico começava a ser incapaz de esclarecer fenômenos importantes da vida social, era necessário considera-lo a partir das pistas indicativas dos seus traços profundos. Isso não foi imediatamente constatado como devir sociológico, mas, paulatinamente, as inconsistências entre os esforços teóricos, baseados em modelos consagrados, e os eventos sobre os quais se debruçavam forçava a prática sociológica a buscar inovar seu arsenal conceitual, sua flexibilidade metodológica e seus fronteiras teóricas estabelecidas.

Isso porque, como percebem Martuccelli e Singly (2002), o conjunto de esforços contemporâneos que marcam as sociologias do indivíduo se constitui de maneira inseparável a uma tese de natureza histórica. Os autores que são identificados nessa vertente, por caminhos diversos, concordam que nas últimas décadas do século XX um novo modo geral de individualização emergiu no seio das sociedades contemporâneas e é esse processo e seus efeitos que deve ser considerado fundamentalmente para uma apreensão efetiva da vida social atual. Esse modo de individualização foi diagnosticado, por exemplo, por Giddens (1991) e Beck (2010), que caracterizaram esse momento por meio de diagnósticos do presente que apontaram para uma segunda etapa da modernidade

ou para uma modernidade avançada, em que a reflexividade adentrava e se revelava tanto mais claramente em nível da agência humana quanto no cerne da dinâmica estrutural da vida social. A principal consequência dessa modernidade no plano dos indivíduos – e em grande medida é sobre as consequências disso que a sociologia se esforçou para apresentar instrumentos capazes de se dedicar à observação sistemática dos indivíduos – foi a acentuação das experiências de “desajustes” entre as subjetividades e as condições objetivas de existência, engendrando fenômenos diversamente definidos: insegurança ontológica (Giddens, 1991), processos individualizatórios (Beck, 2010), heterogeneidade de disposições (Lahire, 2002), multiplicidade de hábitos (Kaufmann, 2003a), crises de identidades (Dubar, 2009), inconsistência posicional (Araujo; Martuccelli, 2012) etc.

Diante dos impasses da sociologia em lidar com essa imagem do mundo, Bernard Lahire é categórico ao afirmar que:

A dificuldade de apreensão do social na sua forma individualizada deve-se, pois, a dois riscos permanentes que são, em primeiro lugar, o facto de se acreditar ser possível estudar o novo (tema de estudo) reciclando simplesmente o antigo (conceitos e métodos) e, em segundo lugar, o facto de se pensar ter atingido os seus fins científicos tendo cozinhado uma sociologia feita de alhos (de origem sociológica) e bugalhos (de origem psicológica). (...) De facto, a mudança de escala — da análise dos grupos, dos movimentos, das estruturas ou das instituições, para a dos indivíduos singulares que simultaneamente “vivem em” e “são constitutivos de” esses macro-objects — não foi brutal a ponto de forçar a visão dos investigadores, de lhes provocar alguma dor de cabeça e, ao mesmo tempo, de lhes fazer ganhar consciência. Este deslizamento foi insensível, imperceptível e, desta forma, tornou difícil o exercício da lucidez teórica. Foi sem se dar conta, e sem medir as consequências, que a sociologia se interessou tanto pelos indivíduos socializados *enquanto tais* (nos estudos de caso ou em ensaios apresentando, entre outro tipo de “dados”, retratos individuais, apoiados metodologicamente na prática da história de vida ou da entrevista aprofundada) como pelos grupos, categorias, estruturas, instituições ou situações (seja qual for a sua amplitude ou o seu tipo). O movimento teria sido mais visível se os investigadores não tivessem o hábito de reivindicar a pertinência dos seus enunciados qualquer que seja a escala de análise adoptada (do espaço social global ao indivíduo singular) (Lahire, 2005, p. 12).

As sociologias do indivíduo, como a concebemos, é fruto da necessidade de compreensão do presente e das inquietações que lhe definem como um momento histórico particular, em que a individualização ganha força e em que os indivíduos se complexificam de modo a colocar em xeque as categorias explicativas de carácter coletivistas, como aquela que anteriormente gerava o efeito rebote de interpretação das condutas individuais a partir da sua localização na sociedade, isto é, a posição social. Nesse sentido, os autores que se inserem no campo das sociologias do indivíduo, para além das suas diferenças, parecem

compartilhar de uma visão específica de mundo que se define pela sensibilidade em considerar as experiências individuais como uma rota privilegiada de acesso à apreensão da realidade social.

Os autores que informam a leitura aqui proposta são representativos das principais tendências teóricas, produzidas na sociologia francesa, que se debruçam sobre a dimensão individual no atual contexto da modernidade. Eles, em linhas gerais, podem ser situados, para fins analíticos, em duas vertentes distintas entre si, que, a nosso juízo, estão marcadas pelas condições de produção da sociologia francesa pós-bourdieuiana como um todo. Por um lado, podemos visualizar Bernard Lahire e Jean-Claude Kaufmann como situados em uma vertente inteiramente marcada pela diálogo crítico com a teoria das práticas sociais de Pierre Bourdieu, notadamente pelo esforço de refinar algumas das suas principais categorias, como o conceito de *habitus*. Por outro lado, Danilo Martuccelli, inspirado pela pelo conceito de imaginação sociológica de Wright Mills, situa-se em uma tendência mais próxima de François Dubet, visualizando nas *experiências* individuais e nos processos de singularização dos indivíduos ocorridos pelo enfrentamento das provas sociais um modo particular de revelar o social⁴.

Por meio das reflexões, dos modelos teóricos e dos principais conceitos desses autores, teremos diante de nós exemplos de como a sociologia tem tomado o indivíduo e suas experiências como instância problemática a ser investigada. A apresentação sintética dos modelos teóricos aqui discutidos terá como efeito indicar a própria heterogeneidade das sociologias do indivíduo tal como a concebemos.

Pluralidade de disposições como fundamento de uma sociologia à escala individual

Pesquisando as razões improváveis do sucesso escolar nos meios populares franceses (1995), a variabilidade do consumo cultural em função das variações intraindividuais (2006) e, mais recentemente, as motivações íntimas e públicas que levaram um famoso escritor a escrever, pelo trabalho de suas disposições adquiridas, o que escreveu (2010), Bernard Lahire tem no seu programa para uma sociologia psicológica ou, como agora prefere denominar, em sua sociologia à escala individual⁵, um amplo

⁴ Existem outras tendências de sociologias do indivíduo elaboradas a partir do contexto francês que não serão aqui discutidas. Uma rota de leitura mais completa pode ser identificada na nota de pé de página n. 3 deste trabalho.

⁵ A mudança discursiva de apresentação da sociologia praticada por Bernard Lahire, da “sociologia psicológica” para “sociologia à escala individual” ocorreu, segundo o autor (Lahire, 2013), para evitar

instrumental para refletir sobre os aspectos centrais do trabalho sociológico dedicado à compreensão do social por meio da análise minuciosa dos indivíduos. Sem dúvida, a sua principal contribuição para a teoria sociológica mais ampla se verifica pelo refinamento de questões relativas às experiências de integração social dos indivíduos por meio da fabricação social dos agentes individuais, em que sublinha a mutualidade de modalidades e quadros de socialização como o epicentro da incorporação de disposições plurais e contraditórias (Lahire, 2002).

Nesse sentido, questionando o caráter sistemático e organizador das práticas que sustenta o conceito de *habitus* de Bourdieu, o autor propõe refletir sobre os indivíduos observando-os em seus contextos diferenciados de práticas, no cerne dos quais adquirem as estruturas do mundo social em que estão inseridos, considerando-os não como possuidores de um sistema unificador das práticas, mas como dotados de um patrimônio de disposições heterogêneas que coexistem em seu corpo. Considerando o percurso trilhado no desenvolvimento da sua teoria da ação, é possível afirmar que Lahire é o sociólogo da geração francesa pós-bourdiesiana que mais se dedica a uma releitura crítica da sociologia desenvolvida por Bourdieu. Releitura essa empreendida para refinar a praxiologia bourdieusiana a partir de dentro, do seu interior, adotando, para tanto, a perspectiva disposicionalista como a base da sua teoria do ator plural. Nesse momento, analisaremos mais detidamente a sociologia lahiriana considerando aquele que é o seu livro mais programático, em que o autor expõe detidamente o projeto teórico-metodológico que sustenta todo o seu empreendimento: *Homem Plural: os determinantes da ação* (2002 [1998]).

No *Homem Plural*, Lahire coloca em evidência a necessidade da sociologia se debruçar sobre a ação levando em conta a variabilidade dos contextos em que os indivíduos se veem implicados na sociedade em que vivem. Definir previamente o indivíduo como dotado de uma unicidade interna, como um ser coeso e coerente, reduz, para o autor, o ator aos efeitos de um único contexto de ação. Da mesma forma, partir de um critério que sublinha um indivíduo fraturado, como um corpo cujo interior habitam uma infinidade de “eus”, é uma ilusão, formada mais por pressupostos valorativos do analista do que por

expectativas equivocadas sobre seus esforços sociológicos que, em nenhum momento, pretendeu estabelecer-se como um caminho interdisciplinar entre a psicologia e a sociologia. Ao contrário, Lahire é, sem dúvida, um sociólogo francês típico, no sentido de crer, como Durkheim, que a sociologia, concebida como uma ciência, é capaz de revelar como nenhum outro campo do conhecimento moderno como os indivíduos são socialmente fabricados e, conseqüentemente, como se tornam aquilo que eles efetivamente são.

resultados de pesquisas sistematicamente conduzidas. É preciso, portanto, tomar o indivíduo como o objeto privilegiado para se ter uma compreensão profunda dos mecanismos que os produzem enquanto indivíduos, reconstruindo, por exemplo, a sua trajetória social para nela identificar como as diferentes instâncias de socialização atuaram em sua fabricação como membro complexo de uma sociedade. Por isso, Bernard Lahire enfatiza a necessidade metodológica de observar o mesmo indivíduo em diferentes contextos de ação – em sua família, na escola, nos grupos de amizade, no trabalho, na igreja, no sindicato, em suas atividades de lazer etc. –, identificando as lógicas plurais e contraditórias das práticas sociais realizadas em cada um desses espaços pelos quais circula⁶.

O seu projeto de uma sociologia à escala individual é realizado, em um primeiro momento, como crítica ao dualismo – monismo x pluralismo – que frequentemente impede o desenvolvimento de uma teoria da ação mais completa, no sentido de tomar a ação e as práticas sem parcializar a reflexão com ênfases predefinidas por valores. Em suas palavras,

De modo semelhante ao globo terrestre, o conjunto das diversas teorias da ação tem dois grandes pólos: o da unicidade do ator e o de sua fragmentação interna. Por um lado, se está à procura de sua visão do mundo, de sua relação com o mundo ou da “formula geradora de suas práticas” e, por outro lado, admite-se a multiplicidade dos conhecimentos e do saber-fazer incorporados, das experiências vividas, dos “eus” ou dos “papeis” incorporados pelo ator (repertório de papeis, estoque de conhecimentos, reserva de conhecimentos disponíveis...). Nos dois casos, porém, a escolha da unicidade ou da fragmentação dá-se *a priori*; ela constitui um postulado não discutido e funda-se, em certos casos, mais sobre pressupostos éticos do que em constatações empíricas (Lahire, 2002, p. 17)

Por isso, é preciso avançar em um sistema teórico-metodológico amplo e não reducionista que não esteja previamente dado como modelo a ser seguido ortodoxamente. A sociologia lahiriana e, em grande medida, a sociologia francesa em geral, apresenta a sua contribuição teórica sempre como o resultado das experiências pesquisas empíricas. Com esse espírito, Lahire desenvolve a sua sociologia à escala individual, com a pretensão de apreender o social nas dimensões mais sensíveis dos indivíduos, revelando, por meio de uma observação microssociológica, como o ator socializado é forjado. Por isso, Lahire

⁶ Obviamente que os contextos de ação variam para cada indivíduo. Embora haja, provavelmente, contextos comuns por que passam os agentes individuais em função dos seus pertencimentos de classe, Lahire chama a atenção para a singularidade de cada trajetória e de cada modalidade de estar disposto a agir no mundo social. Desse modo, a ênfase sobre a força das estruturas de classe são deslocadas para um outro plano para que se possa sublinhar a própria singularidade de cada vida individual considerada.

considera plausível tomar não uma questão ou universo empírico particular como ambiente de inquirição, mas abraça audaciosamente a proposta de tomar como objeto a vida inteira de agentes individuais (cf. Lahire, 2004; 2010).

Vandenberghe (2016, p. 98) sintetiza a ambição da sociologia à escala individual com precisão invejável. Segundo ele, a ideia central que sustenta a empresa lahiriana é a de que “a sociologia pode compreender o indivíduo em toda a sua complexidade e explicar seu comportamento em todos os seus detalhes”, ou seja, de que a sociologia é capaz de “mostrar que o social vai até o fundo, que ele alcança o núcleo mais íntimo da pessoa”. Essa crença é herdada de Pierre Bourdieu e reforçada por toda uma tradição (disposicionalista) que concebe a relação entre o indivíduo e a sociedade por meio da articulação de noções que resgatam e funcionam como motores entre o passado e o presente, como, por exemplo, as noções de disposição, inclinação, propensão, tendência e hábito.

A diferença fundamental entre Lahire e Bourdieu é, assim, derivada da mudança de escala observacional do mundo social, que abre margem para o questionamento de princípios fortes que sustentam o edifício teórico bourdieusiano. Enquanto Bourdieu considera o *habitus* como *habitus* de classe e como estrutura transferível para diferentes universos de práticas, Lahire observa as disposições como resultado de experiências significativas de socialização passadas ao longo das trajetórias sociais que, mesmo marcadas pelas condições de classe, são particularizadas uma vez que a trajetória singulariza o agente humano, visto como dotado de diferentes lógicas de ação que são ativadas de acordo com o contexto de práticas que em que precisa atuar. Desse modo, a famosa fórmula sintética da teoria da prática de Bourdieu [*(habitus)* (capital)] + campo = práticas, no esquema lahiriano (2012, p. 12) apresenta-se como “passado incorporado + contexto presente de ação = práticas observáveis” (apud Vandenberghe, 2016, p. 98).

Com essa aproximação óptica realizada por Lahire que permite olhar com um grau mais detalhado as práticas sociais, a sociologia à escala individual intenta responder questões microssociológicas que antes eram colocadas em suspenso pela sociologia bourdieusiana. Lahire quer ver as contradições sutis em meio aos padrões, enquanto Bourdieu percebe as propriedades que permitem sublinhar as condições comuns sobre as quais os agentes, vistos sempre a partir de suas posições de classe e de suas relativas tomadas de posição, estão assentados no espaço social.

Para Bourdieu, por exemplo, a reflexividade do agente era instada a ocorrer em circunstâncias de histerese, ou seja, no momento em que não há uma relação de identidade entre o *habitus* tornado corpo e as circunstâncias ambientais em que o corpo se vê implicado. Em situações deste tipo o agente seria então instado a refletir sobre a lógica eficiente de ação a ser realizada e também sobre si mesmo, gerindo reflexivamente as disposições que lhe definem no mundo social. Para Lahire, a reflexividade está presente de outro modo nos indivíduos, tem um papel mais duradouro na experiência prática, não se restringindo à momentos de histerese. As disposições incorporadas estão sujeitas à atualização (fortalecimento, apagamento e atualização da disposição), engendrada seja por efeito de mudanças dos ambientes com os quais se estabeleceu uma relação de familiaridade, seja por experiências diversas que marcam as trajetórias individuais por meio de eventos significativos cujas consequências internas no ator não controladas.

Dito de outra maneira, sendo as ações individuais o resultado de disposições plurais adquiridas em diferentes processos de socialização, a maneira em que as disposições adquiridas operam em novos contextos deixa de ser um pressuposto da análise para se converter em um problema empírico. O homem plural é, como o mundo social, e devido a sua diferenciação, um palimpsesto de disposições diversas e contraditórias, em tensão umas com as outras, ativando-se e reativando-se em função dos contextos, sem que possa apontar verdadeiramente um centro de comando (Martuccelli & Singly, 2002, p. 59)

Portanto, estabelecendo uma crítica à unicidade do *habitus* de Bourdieu, percebendo-o mais diretamente em seu caráter reprodutivo, Lahire abre espaço para o desenvolvimento de uma teoria do ator plural que não é, de modo algum, uma teoria pós-moderna que sustentaria um self fraturado em vários “eus”, mas que sustenta a possibilidade de haver simultaneamente dentro de um corpo socializado a presença de diferentes lógicas de ação, constitutivas e reforçadas pelas relações entre o passado incorporado e o presente contexto de realização de práticas.

A divergência *habitus*-hábitos: segunda sociologia disposicionalista do indivíduo

Também tomando a teoria da prática de Bourdieu como ponto de partida para uma sociologia do indivíduo, Jean-Claude Kaufmann pode ser identificado como um dos mais criativos sociólogos que identifica na dimensão individual um caminho plausível para a interpretação da sociedade. Tratando de temas inusitados como o nascimento do amor entre indivíduos (2003b) ou os olhares masculinos sobre os corpos de mulheres praticantes de

topless em uma praia do litoral francês (1995), Kaufmann sistematiza as bases para uma teoria dos hábitos individuais com base em um duplo registro: por um lado, ele promove permanentemente uma crítica ferrenha às concepções de indivíduo autônomo e, por outro, busca programaticamente trilhar os rumos mais efetivos para a definição de um quadro analítico capaz de identificar os mecanismos participantes da fabricação social dos indivíduos. Nesse sentido, para ele, o indivíduo deve ser visualizado, ao mesmo tempo, processual e relacionalmente, ainda que inserido numa dialética contínua de internalização e exteriorização, em que os hábitos são tomados como esquemas operatórios incorporados-objetivados.

Kaufmann e Lahire se situam em uma vertente das sociologia do indivíduo marcada, como dissemos, pelo diálogo crítico com a teoria das práticas de Pierre Bourdieu. Desse modo, observando as dimensões individuais por meio de um esforço para refinar a tradição disposicionalista, ambos declaram abertamente estarem realizando uma empreitada sociológica que coloca no plano principal de objetivação o indivíduo: uma sociologia disposicionalista do indivíduo como desdobramento, sem nunca se reduzir a uma reprodução *ipsis litteris*, da sociologia crítica de Bourdieu que privilegiava as classes sociais. Desse modo, o ponto de partida das sociologias do indivíduo de Lahire e Kaufmann é a crítica ao caráter genético do conceito de *habitus*, visualizado pela estreita relação estabelecida entre as condições materiais de existência e as dimensões subjetivas dos agentes enfatizada por Bourdieu. Para esses dois sociólogos entusiastas das sociologias do indivíduo é necessário privilegiar a tensão entre as disposições incorporadas ou os hábitos e entre a consciência e essas disposições, o que requer uma apropriação da reflexividade como categoria fundamental da experiência social.

Do mesmo modo que Bernard Lahire possui uma obra programática em que apresenta seu projeto teórico-metodológico, Jean-Claude Kaufmann publicou também um livro cujo intuito é promover as bases ontológicas, epistemológicas e teórico-metodológicas sobre as quais se torna possível, a seu juízo, converter o indivíduo no eixo privilegiado da sociologia: *Ego: para uma sociologia do indivíduo* (Kaufmann, 2003a [2001]). Neste trabalho temos o fio por meio do qual podemos identificar as principais contribuições de Kaufmann para a teoria sociológica, na medida em que a discussão nele realizada oferece uma espécie de guia sistemático e justificativo do edifício kaufmanniano.

O movimento do pensamento de Kaufmann no desenvolvimento da sua sociologia do indivíduo percorre quatro grandes eixos de discussão. No primeiro deles, as questões

enfrentadas se inscrevem em uma reflexão sobre as dimensões epistemológicas que circundam a tese da individualização. A tese de natureza histórica que subjaz a reflexão do autor implica considerar o indivíduo a partir de uma complexa teia de processos que desembocam no problema da liberdade. Enfrentando o problema da interação entre indivíduo e sociedade, Kaufmann (2003a, p. 85) se pergunta: “terá a autonomia individual nascido da vontade de pessoas que procuravam separar-se do holismo, ou então, pelo contrário, não terá sido a sociedade que inventou esta nova maneira, mais individualizante, de produzir os homens?”. A resposta dada a este questionamento complexo segue um rota para o cruzamento recíproco entre as dimensões social e individual, o que não anula, no raciocínio do autor, o fato de se ter aberto, na modernidade, um maior espaço para a autonomia dos indivíduos, que é entendida através do que concebe como processo de individualização.

Todavia, isso não significa dizer que o indivíduo deve ser concebido como ser autônomo, tal como suas representações dominantes, presentes no senso comum e na teoria econômica liberal, tendem a fazê-lo. Kaufmann é enfático em sua crítica à imagem transcendental que se passa como precisa para a ideologia neoliberal e contra ela argumenta que é preciso, para o desenvolvimento de uma apreensão científica, partir para uma análise da modernidade que seja ao mesmo tempo ancorada em uma crítica às visões dominantes, não científicas, da realidade e em um ponto de vista histórico fundamentado. Nesse sentido, tomemos de empréstimo a caracterização feita por Martuccelli e Singly (2012) sobre como se estrutura o modo como estão articuladas os eixos histórico e crítico na reflexão kaufmanianna.

Histórico: Kaufmann está convencido de que a segunda modernidade coloca os indivíduos, a medida em os papéis sociais perdem sua uniformidade, no centro de um espaço de improvisação e experimentação. Crítico: porque em continuidade com Elias, Kaufmann questiona a ideologia que tende a esquecer, diferentemente do que exige uma orientação científica, os mecanismos que participam na fabricação social do indivíduo. Para ele, não existe possibilidade de compreensão científica do indivíduo se não se questiona antes a ficção a-histórica que anima sua representação e que dá forma às imagens de um eu desencarnado e abstrato. Pelo contrário, [para Kaufmann] é indispensável estudar o homem de ‘um modo processual e relacional’ (Martuccelli & Singly, 2002, p. 55)

O indivíduo de que trata Kaufmann, nesse sentido, é considerado em seu contexto social de existência e em sua relação contínua com as condições sociais das quais é

produto. Por isso, o segundo, terceiro e quarto movimentos da sua articulação teórica, lidam com o modo como a própria sociologia tem tratado e explicado a fabricação social do indivíduo e, a partir disso, colocam em evidência uma proposta particular de sociologia do indivíduo.

Situando-se na vertente disposicionalista, então, o autor dialoga criticamente, como o faz Lahire, com o modelo teórico de Pierre Bourdieu. Para tanto, Kaufmann debruça-se sobre o conceito de *habitus* e propõe uma reorientação analítica que insira maior ênfase à reflexividade e, conseqüentemente à agência humana, por meio de um resgate da noção hábitos, evitada pelo próprio Bourdieu em seus textos mais sistemáticos em que sustenta o poder explicativo do *habitus*.

Para Kaufmann, a teoria do *habitus* de Pierre Bourdieu na verdade pode ser lida como duas teorias inter-relacionadas entre si. A primeira delas, é a que enfatiza a “fórmula geradora” das práticas, que tem a função de fortalecer o modelo geral da teoria do *habitus* de modo a torná-lo totalizante. A segunda teoria do *habitus* em Bourdieu é aquela que registra as “regularidades objetivas”, isto é, que se sustenta pela forte relação entre as disposições subjetivas dos agentes e as propriedades objetivas dos campos, por meio da qual as práticas difratam-se em infinitas variações engendradas, com efeito, pela própria fórmula geradora de práticas tornada corpo, ou seja, pelo *habitus*. A proposta de Kaufmann de uma sociologia do indivíduo orientada por uma teoria dos hábitos não se apresenta como uma alternativa teórica que supera o quadro bourdieusiano. Colocando Bourdieu contra Bourdieu, Kaufmann demonstra que a categoria *habitus* torna-se demasiadamente abstrata para uma objetivação à nível individual, enquanto que a reorientação permitida pela teorização dos hábitos torna observável, perceptível em si mesmo, o modo como a memória das experiências passadas se refletem nos indivíduos e em suas práticas, sejam elas profissionais e especializadas, sejam elas referentes à comportamentos íntimos engendrados em situações estritamente particulares.

Cabe, desse modo, uma extensa passagem escrita por Kaufmann que nos parece esclarecedora do que acabamos de afirmar, em que o autor chama a atenção para a necessidade, ao buscar uma análise sociológica do indivíduo, operacionalizar as categorias explicativas em instrumentos de objetivação, de apreensão do social individualizado por meio daquilo que se torna, com a aparência de fraqueza teórica, a própria justificativa das condições de possibilidade de teorização à escala individual. Assim, o autor discorre:

Por que razão não proceder como Pierre Bourdieu? Visto que o hábito estava desclassificado, afogado na banalidade do senso comum, não conviria impressionar os espíritos forjando um termo novo para designar esta realidade essencial, mas oculta, constituída pelos esquemas individualmente incorporados? *Hexis*, por exemplo, poderia muito bem servir. Quando é preciso repetir dez vezes (sem conseguir convencer) que os hábitos representam uma questão fundamental, este intitulado em ruptura com o senso comum proclamá-lo-ia por si só. Todavia, há várias razões que me impedem de encarar este golpe de força. [...] Assim sendo, prefiro optar pela modéstia, com todos os riscos que isso comporta. Contudo, não me sinto preparado para defender o hábito em relação e contra tudo: pode acontecer que esta opção não seja a melhor e permaneço aberto ao debate sobre a questão. Além disso, esforça-me-ei por empregar, por vezes, outras formulações, que explicam com justeza a realidade sob um ponto de vista descritivo. *Habitus* e hábitos integram-se na categoria mais geral dos esquemas que registam a memória social infraconsciente. Os hábitos, fixados no pólo individual, podendo ser especialmente definidos como esquemas operatórios incorporados. Então, por que razão não dizer ‘esquemas operatórios incorporados’, se a fórmula é justa? Porque seu emprego é um pouco pesado. E, sobretudo, porque o hábito (com a condição de o termo ser bem compreendido) é a designação mais simples e melhor adaptada, herdeira de um longo passado intelectual, que não devia ser esquecido. Comporta, evidentemente, uma desvantagem considerável: o risco de confusão com o pequeno gesto rotineiro e sem importância do senso comum. Porém, se o risco está afastado, pelo contrário a proximidade com o pequeno gesto torna-se um trunfo. Porque é essa toda a riqueza do hábito (e sua particularidade comparada com o *habitus*): é, ao mesmo tempo, um esquema que regista a memória social, inscrito em processos infinitamente vastos, poderosos e móveis, e um esquema incorporado, inscrito sob uma forma que pode exprimir-se em gestos concretos, observáveis pelo pesquisador (Kaufmann, 2003a, p. 170-171)

Uma das chaves do processo de fabricação dos indivíduos segundo a teoria do hábito é, portanto, percebida por meio da dialética entre exteriorização e internalização, que tem na objetivação de uma memória que se constitui fora dos agentes humanos um dos principais elementos de registro das instâncias em relação dialética. Isso porque, “o patrimônio de hábitos não se encontram unicamente no corpo e nos pensamentos do indivíduo, mas também em seu entorno” (Martuccelli e Singly, 2012, p. 55), o que justifica Kaufmann afirmar que os hábitos podem ser entendidos, de maneira densa, como esquemas operatórios incorporados, embora prefira, como na passagem citada acima deste parágrafo, levar adiante a terminologia mais simples, embora não simplória, hábito.

Embora o hábito passe, a priori, a impressão enfática sobre aquilo que é pré-reflexivo, o conceito se sustenta na sociologia do indivíduo de Kaufmann diretamente ancorado em uma consideração da reflexividade como aspecto intrínseco da condição individual na atual estado da modernidade. Como dissermos nas páginas anteriores, as diferentes sociologias do indivíduo desenvolvidas na França têm em comum a crença de que vivemos em uma condição moderna marcada pela presença de uma maior

complexificação das dinâmicas reprodutivas da ordem social, que operam, no âmbito da existência individual, importantes reflexos que condicionam uma capacidade reflexiva distinta daquela requerida na primeira modernidade.

Por isso, em sua sociologia do indivíduo, Kaufmann compreende a internalização como um fenômeno de dupla dimensão. De um lado, a internalização das estruturas do mundo social é marcadamente aberta e fundamentalmente consciente e, por outro lado, registra-se por meio de uma introjeção mais profunda, inconsciente e durável, gerativa de uma coerência interna ao indivíduo. Se o mundo social é constatado como complexo e contraditório, suas estruturas são, elas mesmas, também plurais, complexas e dissonantes. Se tais estruturas são internalizadas em diferentes processos de socialização, logo, para Kaufmann, os indivíduos são também dotados de um patrimônio de hábitos que podem estabelecer conflitos entre si, engendrando tensões e lutas intraindividuais.

Há uma luta assumida pelo indivíduo, consciente e inconscientemente, em busca de uma unicidade, de uma identidade, na medida em que a crença em um eu coerente é frequentemente cultivada em um mundo social marcado pela fragmentação. Nesse sentido, a pluralidade de hábitos implica considerar fortemente a presença de uma reflexividade, por meio da qual o indivíduo se torna para si mesmo um indivíduo compreensível. Em Kaufmann a reflexividade está relacionada e é produzida, portanto, pelo modo como os indivíduos estão sujeitos a diferentes processos de socialização, no cerne dos quais adquirem diferentes lógicas de ação e, conseqüentemente, é formado um patrimônio de hábitos. Assim, é possível haver em um só indivíduo uma variedade de registros plurais, o que nos levar à constatação de que o indivíduo, na sociologia proposta pelo autor de *Ego* efetivamente é tomado como um ser único e singular, fruto de um processo de individualização do social constituído pela dinâmica entre interiorização e exteriorização constante.

Provavelmente Bernard Lahire, embora situado na mesma vertente das sociologias do indivíduo a que consideramos a proposta kaufmanniana discordaria dessa concepção de ator. Para Lahire, o indivíduo, embora seja resultado de uma dobra do social, não possui dentro de si uma pluralidade capaz de fracioná-lo nos termos de Kaufmann, que sugere a presença de infinitos esquemas de ação. Diferentemente do que Lahire realiza em relação a Bourdieu, na sociologia do indivíduo de Kaufman a novidade alcançada teoricamente em relação ao teórico do *habitus* revela-se pela consideração de que os indivíduos são recorrentemente interpelados, em um número elevado de situações em que se veem

implicados, por tensões não apenas externas, mas, sobretudo internas a si mesmos, causadas pelas dissonâncias entre as disposições adquiridas e pelos níveis conscientes e infraconscientes dos atores. Isso chama a atenção para o modo como partindo de um diálogo crítico com um mesmo autor, duas diferentes formas de propor e fundamentar a abordagem sociológica orientada à escala individual desembocam em distintas direções. Ambas se sustentam como desdobramentos do legado de Bourdieu, porém, entre elas, há uma distância tanto teórica quanto metodológica em seus resultados, refletindo não apenas em uma controvérsia teóricas, mas, indo além, nas concepções mesmas de indivíduo que sustentam os esquemas alcançados.

Essas não são, claro, as únicas formas de se construir uma sociologia do indivíduo. Há outras formas que tem sido levadas adiante por meio de discussões muito diferentes. Nesse momento, discutiremos, brevemente, mais uma contribuição teórica recente advinda do contexto de produção sociológico francês que se difere tanto de Lahire quanto de Kaufmann quase que integralmente, em especial por se sustentar em um debate mais amplo do que aquele que tem no legado bourdieusiano o seu motivo e o seu principal fundamento.

Uma via distinta: a sociologia do indivíduo como macrosociologia

Seguindo um caminho distinto daqueles adotados por Lahire e Kaufmann, Martuccelli (2007b) propõe uma sociologia do indivíduo não como microsociologia, mas, com efeito, como uma macrosociologia da sociedade singularista moderna. Seu interesse não é, como no caso da tradição disposicionalista, nos condicionamentos externos ou na dialética entre interiorização/externalização, mas no *trabalho realizado pelos indivíduos* sobre a sociedade e sobre si mesmos quando diante das provas sociais características de um determinado momento histórico. Nesse sentido, influenciado por Charles Wright Mills (1980), Martuccelli tem por objetivo promover uma sociologia capaz de, partindo das experiências individuais, compreender as estruturas mesmas que caracterizam a realidade social de uma dada sociedade, revelando as contingências e relações por meio das quais os indivíduos são produzidos e se produzem enquanto tal. Desse modo, ele sugere uma mudança de perspectiva importante, propondo uma sociologia dos indivíduos que funciona como uma sociologia *para* os indivíduos (Martuccelli, 2007b; Araujo & Martuccelli, 2012), constituída pela análise da individuação imanente às contingências do enfrentamento das provas sociais a que todos os indivíduos estão obrigados a enfrentar em

um determinado estado da sociedade em que vivem (Martuccelli, 2002; Araujo & Martucceli, 2012).

Martuccelli sustenta a sua sociologia do indivíduo com base em uma leitura particular sustentada pela articulação entre uma mudança social e a superação da crise do modelo sociológico clássico (a crise da ideia de sociedade), identificando na emergência de uma nova sensibilidade explicativa dos fenômenos sociais o caminho para desenvolver a sua proposta teórica. Porém, se é preciso desenvolver uma sociologia que considere a pertinência do indivíduo no vértice de seus esforços, é preciso também, para o autor, que a sociologia não se reduza, como o faz as sociologias disposicionalistas do indivíduo, ao nível do ator. Isso porque, embora seja fundamental considerar as experiências individuais como centrais para uma compreensão do presente, na medida em que na configuração da segunda modernidade o nível do pessoal ganha relevo nunca antes visto, a sociologia não pode perder seu próprio fundamento clássico de se esforçar para apreender as conexões entre o social e as formas existenciais assumidas pelos grupos e pelos agentes humanos.

Assim, é preciso considerar que o tratamento privilegiado dado às experiências de socialização pelas vertentes voltadas à fabricação dos indivíduos assumidamente disposicionalistas torna-se insuficiente para a proposta martuccelliana. Em *Cambio de rumbo: la sociedad a escala del individuo* (2007b), Martucceli apresenta o quadro geral da sua sociologia do indivíduo. Discorrendo sobre o percurso trilhado pela sociologia que entra em crise à medida em que as experiências do mundo social não mais são explicadas eficientemente pela concepção de “personagem social” (Martuccelli, 2007a; 2007b)⁷, o autor desenvolve a sua abordagem como alternativa à sociologia crítica hegemônica, tanto porque se recusa à adotar uma postura demasiadamente marcada pelas relações entre estruturas objetivas e subjetivas quanto porque sublinha a importância de se levar em consideração as próprias experiências dos atores, seus problemas e dificuldades, como maneira de acessar e entender as imbricações entre diferentes níveis da realidade social.

Assim, é preciso distinguir as possibilidades a serem consideradas como instâncias de análise efetivamente eficiente para a realização de uma sociologia do indivíduo que se quer macrossociológica. Seguindo o raciocínio apresentado por Araujo e Martuccelli

⁷ Martuccelli concebe como personagem social a representação tornada legítima do indivíduo nas perspectivas sociológicas que buscam explica-lo por meio da concepção de posição social. Segundo o autor, a personagem social não é resultado de empreendimentos sociológicos, mas oriundo da literatura, presente, especialmente, nos romances do realismo social do século XIX, como em Balzac.

(2010), em artigo derivado de uma pesquisa empírica o modo como os indivíduos se produzem enquanto tal no Chile, há pelo menos três estratégias explicativas comumente adotadas na sociologia quando o indivíduo se torna o objeto de análise: a socialização, a subjetivação e a individuação. Sintetizando um argumento longamente desenvolvido em Martuccelli (2007b), os autores sumarizam cada uma das três vias sociológicas orientadas para a análise do indivíduo:

Esquemáticamente, a socialização estuda o processo de fabricação psico-socialógico do indivíduo; a subjetivação aborda, no marco da sociologia, o problema da constituição do sujeito como resultado de uma dinâmica sociopolítica de emancipação; a individuação se interessa, a partir de uma perspectiva sócio-histórica, pelo tipo de indivíduo que é estruturalmente fabricado em uma sociedade (Araujo & Martuccelli, 2010, p. 79)

Identificando e sistematizando cada uma dessas lógicas interpretativas da sociologia que se debruça sobre os indivíduos, Martuccelli mapeia seus vícios e suas virtudes e opta, para realizar um empreendimento teórico que não se limite ao nível do indivíduo, mas que, considerando as experiências individuais retorne à análise das estruturas sociais, pela perspectiva que se dedica à iluminação dos fenômenos societários considerando os processos de individuação. Se a individuação busca identificar o tipo de indivíduo social e historicamente fabricado em uma sociedade, de que modo, porém, observar empiricamente esse processo? Em que circunstâncias se torna plausível encontrar as pitas indicativas do tipo de indivíduo exigido em um momento histórico?

Essas questões são equalizadas se considerarmos que Martuccelli considera as sociedades atuais como submetidas a um processo estrutural de singularizam e é este processo que deve ser investigado para que se torne observável e apreensível os elos entre indivíduo e sociedade, isto é, o tipo de indivíduo cujas relações com as estruturas de uma dada sociedade o fazem ser o que ele é. Deve-se, para tanto, considerar que a singularização ocorre não em um domínio social, mas em vários âmbitos da sociedade: nas instituições, nas formas de produção, nos modos de sociabilidade, no consumo, na política etc. É lidando com as circunstâncias difíceis que se impõem a todos os indivíduos de uma sociedade, os desafios comuns que todos eles precisam enfrentar, por serem traços da estrutura constituída historicamente de uma sociedade, que a individuação se realiza.

Dito de outro modo, Martuccelli observa a fabricação dos indivíduos por meio de uma sociologia dedicada à reflexão sistemática do processo de individuação a partir das

provas estruturalmente dadas que caracteriza uma sociedade em um momento histórico específico. Nesse sentido, propondo uma abordagem macrossociológica capaz de compreender o tipo de indivíduo exigido por uma sociedade, a noção de prova funciona como engrenagem operatória da própria sociologia martuccelliana. Para uma melhor compreensão do conceito de prova, é preciso ter em mente as suas principais características. Para Martuccelli (2007b):

As provas têm quatro características. Em primeiro lugar, são indissociáveis de um *relato* que atribui aos atores, individuais ou coletivos, um papel maior na compreensão dos fenômenos sociais. Em seguida, a prova faz referência às capacidades que tem um ator para *afrontar* as prescrições e processos difíceis a que está submetido. Em terceiro lugar, toda prova aparece como um exame, na realidade, como um *mecanismo de seleção* através do qual, em função de seus êxitos ou fracassos, os atores forjam suas existências. Por último, as provas são inseparáveis de um conjunto de grandes desafios estruturais a que os indivíduos estão obrigados a responder e que diferem em função das sociedades e dos períodos históricos.

Não obstante a complexidade conceitual que Martuccelli insere ao conceito de prova, sua operacionalização indica uma dupla dimensão que se abre à análise por meio de sua função analítica. Por meio da prova é possível articular as modalidades efetivas por meio das quais os indivíduos se tornam conscientes dos desafios e se tornam hábeis para enfrentar os desafios, isto é, as provas, que marcam a sua existência social. Além disso, e em conexão com essa dimensão, a prova abre espaço para um distanciamento reflexivo acerca das experiências vividas, possibilitando aos agentes individuais cultivarem uma capacidade de elaborar, em seus próprios termos, os modos por meios dos quais as suas experiências individuais se relacionam com os fenômenos sociais.

As provas alimentam a existência de um sistema de seleção de pessoas que, sem invalidar o peso das posições sociais e as diferenças de oportunidade que lhes são associadas, salienta, no entanto, a contingência dos resultados. Em relação a todas e cada uma das provas, os atores podem, medindo-se a elas, 'aprovar' ou 'desaprovar', 'ter êxito' ou 'fracassar'. A obrigação estrutural de ter que enfrentar as provas faz com que, em suas vidas, os indivíduos se sintam submetidos a um conjunto plural de prescrições de responsabilização e, portanto, a distintas dominações comuns. Cada vez mais, a vida social está pois marcada por experiências (divórcios, períodos de censura, fracassos escolares...) que além de suas razões estruturais, obrigam os indivíduos a encontrar a força necessária para enfrenta-las através de experiências que são tanto mais dolorosas e solitárias quanto que são vividas como faltas ou erros pessoais (Martuccelli & Singly, 2002, p. 77).

O efeito sociológico de uma abordagem sustentada pela tentativa de correlacionar as dimensões históricas de uma sociedade, apreendida por meio das suas expressões estruturalmente fortes, isto é, pelas provas, considerando os modos por meio dos quais os indivíduos lidam com essas estruturas implica, como objetiva Martuccelli, se esforçar para não deixar a prática sociológica direcionada unicamente ao nível dos indivíduos. Isso indica, sobretudo, que a sociologia do indivíduo por ele proposta requer não apenas de instrumentos para adentrar no universo existencial das gentes particulares, mas de uma capacidade reconstrutiva que permita reconectar as experiências pessoais ao nível estrutural que caracteriza a condição coletiva da vida em que se encontram os indivíduos investigados.

Considerações finais

A partir dessas três perspectivas é possível tomar a sociologia dos indivíduos a partir da descrição de algumas das suas propriedades gerais. Em primeiro lugar, a sociologia dos indivíduos, como praticada por esses autores, configura-se como um tipo de sociologia que tem na realização de pesquisas empíricas uma exigência básica. Para eles, somente com a realização sistemática de investigações empíricas permitem que as reflexões teóricas se tornem capazes de tornar inteligíveis os fenômenos de que tratam, especialmente no que tange às experiências individuais e suas imbricações com as estruturas de uma sociedade. Não obstante isso, o problema da reflexividade surge como um dos principais eixos característicos desses empreendimentos, cujos tratamentos variam de acordo com as ênfases sobre o condicionamento estrutural ou sobre os sistemas de ação. Por meio de distintos métodos, essas perspectivas nos permitem identificar e interpretar os laços entre o estado da sociedade e a reflexividade dos agentes individuais que nela se produzem.

Assim, reconhecendo a importância de alçar o indivíduo à condição de “objeto” sociológico privilegiado, as sociologias dos indivíduos aqui consideradas abrem novas brechas para a interpretação da vida societária e, conseqüentemente, para que a teoria sociológica avance sobre questões que ainda figuram em seu horizonte de preocupação. Nesse sentido, com esses três autores, poderemos trilhar um percurso importante de sistematização das correntes constitutivas do campo das sociologias dos indivíduos, iluminando os fundamentos e princípios metodológicos que lhe dão sustento. Todavia, é preciso ainda explorar as outras vertentes que se apresentam como empreendimentos

sociológicos caracterizados pela consideração das dimensões individuais como eixo privilegiado de análise. Todavia, com a discussão aqui proposta, esperamos abrir caminho para uma agenda mais sistemática das contribuições, dos limites e as das implicações que as sociologias do indivíduo trazem para as reflexões teóricas contemporâneas.

Referências:

ALEXANDER, Jeffrey. O Novo Movimento Teórico, **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 2, n. 4, p. 6-28, São Paulo, jun., 1987.

ARAUJO, Kathya; MARTUCCELLI, Danilo. La individuación y el trabajo de los individuos. **Educación e Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. especial, p. 77-91, 2010.

ARAUJO, Kathya.; MARTUCCELLI, Danilo. **Desafíos comunes**: retratos de la sociedad chilena y sus individuos. Santiago: LOM Ediciones, 2012. (2 volumes)

BECK, Ulrich. **A sociedade de risco**: rumo a uma outra modernidade. São Paulo: Ed. 34, 2010.

DUBAR, Claude. **A crise das identidades**: a interpretação de uma mutação. São Paulo: Edusp, 2009.

DUBET, François. Sociologia da Experiência. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

KAUFMANN, Jean-Claude. **Corps de femmes, Regards d'hommes**. Sociologie des seins nus. Paris: Nathan, 1995.

KAUFMANN, Jean-Claude. **Ego**: para uma sociologia do indivíduo. Lisboa: Instituto Piaget, 2003a.

KAUFMANN, Jean-Claude. **Primeira manhã**: como nasce uma história de amor. Lisboa: Editorial Notícias, 2003b.

LAHIRE, Bernard. **Tableaux de familles**. Paris: Gailimard/Seuil, Coll. "Hautes Études", 1995.

LAHIRE, Bernard. **Homem plural**: os determinantes da ação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

LAHIRE, Bernard. **Retratos sociológicos**: disposições e variações individuais. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LAHIRE, Bernard. Patrimónios individuais de disposições: para uma sociologia à escala individual. **Sociologia, problemas e práticas**, n. 49, 2005, pp. 11-42.

LAHIRE, Bernard. **A cultura dos indivíduos**. São Paulo: Ed. Artmed, 2006.

LAHIRE, Bernard. **Franz Kafka**: éléments pour une théorie de la création littéraire. Paris: La Découverte, 2010.

- LAHIRE, Bernard. **Dans lês plus singuliers du social**. Paris: La découverte, 2013.
- MARTUCCELLI, Danilo; SINGLY, François de. **Las sociologías del individuo**. Santiago: LOM Ediciones, 2002.
- MARTUCCELLI, Danilo. **Grammaires de l'individu**. París: Gallimard, 2002.
- MARTUCCELLI, Danilo. **Lecciones de Sociología del Individuo**. Lima: PUCP, 2007a.
- MARTUCCELLI, Danilo. **Cambio de rumbo**. Santiago: LOM Ediciones, 2007b.
- MILLS, Charles Wright. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.
- SINGLY, François. **O eu, o casal e a família**. Lisboa: Dom Quixote, 2000.
- SINGLY, François. **Livre juntos: o individualismo na vida comum**. Lisboa: Dom Quixote, 2001.
- VANDENBERGHE, Frédéric. A sociologia na escala individual: Margaret Archer e Bernard Lahire. In: VANDENBERGHE, F.; VÉRAN, J-F. **Além do habitus: teoria social pós-bourdiesiana**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016. p. 95-128
- WEBER, Max. **Economia e sociedade**. Brasília: UnB, 1994. v. 1.